

**NEOLOGISMO E POLÍTICA:
EXPRESSIVIDADE EM NOVAS CRIAÇÕES LEXICAIS**

Bruno Silva Lopes (UERJ/CESVA)
brunolitter@hotmail.com

1. Introdução

Partindo da concepção dinâmica do sistema lexical (ALVES, 2007; CARVALHO, 1984; VALENTE, 1997 entre outros), propomos, com este texto, apresentar alguns neologismos ocorrentes em contextos políticos, descrevendo-os em seus aspectos morfossintáticos e estilísticos, com vistas a demonstrar a riqueza e vitalidade dos processos de formação de palavras, bem como sua pertinência para a constituição do léxico das línguas particulares e a evidenciar que os contextos políticos, em função da incessante busca pela expressividade, são férteis para o surgimento de neologismos.

Para tal, selecionamos um *corpus* midiático formado principalmente por neologismos presentes na revista *Veja*, acrescido de eventuais formações extraídas da *Folha de São Paulo*. Os neologismos foram inventariados em fichas lexicográficas, elaboradas com seis níveis de informação relevantes para as descrições (Cf. seção 03). A verificação do *status* neológico das formações foi feita com base no critério lexicográfico, descrito na metodologia deste trabalho.

Este artigo está assim estruturado: Primeiramente, traçamos considerações gerais acerca da inovação lexical em português, enfocando o léxico como um dos subníveis linguísticos mais abertos à criatividade. A seguir, detalhamos a metodologia usada por nós na descrição dos produtos neológicos coletados e, por fim, procedemos à descrição dos neologismos em fichas lexicográficas, nas quais constarão informações linguísticas e extralinguísticas, que fornecerão uma descrição mais completa e fidedigna do fenômeno da criação de palavras nos textos selecionados.

2. *Breves considerações sobre a renovação lexical*

Essencialmente marcado pela mobilidade, o léxico das línguas naturais se renova ininterruptamente. Sem muitas vezes nos darmos conta, novas palavras surgem a todo momento como respostas às necessidades comunicativas dos falantes, que empregam a língua em seus mais diversos contextos sociocomunicativos, manifestando sua criatividade lexical de diversas formas. Esse processo de renovação é indispensável para a continuidade histórica da língua, visto que nos permite nomear novas realidades, fazer uso da língua com fins expressivos ou mesmo utilizar velhas formações com novas colorações ou sentidos. Mas não só isso. Como repositório do saber linguístico-cultural de um povo, o léxico espelha valores, crenças, hábitos, costumes e ideologias do grupo linguístico que se serve da língua, pelo que se pode dizer que reflete também toda a trajetória histórico-cultural dos falantes.

Em artigo intitulado *O Dinamismo Lexical: O Dizer Nosso de Cada Dia*, Silva (2000, p. 142) observa que:

O léxico constitui-se do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e culturalmente definido; é o conhecimento partilhado que povoa a consciência do falante, onde esse acervo se configura como verdadeira janela através da qual o indivíduo divisa o seu entorno, ao mesmo tempo em que, ademais, revela os valores, as crenças, os costumes, os modismos que viabilizam a comunidade em que vive o usuário de tal e qual palavra. É no léxico, ainda, que se gravam – e, não raro, pirogravam – as designações que rotulam mudanças encadeadoras dos caminhos e descaminhos da humanidade, além de comporem o cenário de revelação tanto da realidade quanto dos fatos culturais que permearam sua história.

Conforme explica Alves (2007, p. 05), aos processos de criação lexical damos o nome de neologia e a seus produtos, neologismos. Os estudiosos, em geral, cindem as formações neológicas em dois grandes grupos: neologismos de forma (ou lexicais) e neologismos semânticos (ou conceptuais). O primeiro grupo é representado por criações de novos significantes, isto é, cunham-se formas não existentes em um estágio anterior da língua. Recentemente, os jornalistas de *Veja* criaram o termo *iranologia* (ou estudos sobre o Irã), cuja motivação mescla ironia e denominação, uma vez que a palavra em causa seria uma maneira de tentar entender os arroubos ditatoriais, assim como outros excessos cometidos pelo presidente do Irã Mahmoud Ahmadinejad. Já no segundo grupo as palavras permanecem inalteradas no que tange à forma, mas apresentam algum tipo de evolução semântica, muitas vezes por influência dos tropos (metáforas, metonímias etc.). *Martelinho*, por exemplo, foi criado por as-

sociação ao movimento que alguns políticos fazem ao falar efusivamente nos discursos e debates. O gesto feito por eles lembra a batida de um martelo, motivo por que o articulista deu tal nome ao trejeito. Trata-se de um neologismo semântico, porque, a despeito de estar consignado no Aurélio (2010), apresenta um novo sentido.

Para Correia & Lemos (2005, p. 13), há basicamente dois tipos de neologia: a denominativa e a estilística. Com frequência, novos termos são criados para a nomeação de novas realidades (objetos, conceitos) que não existiam num estágio anterior da língua. A palavra *cubanizar*, um neologismo denominativo, surgiu da necessidade de nomear o processo pelo qual um determinado país se alinha política e ideologicamente a Cuba, país cujo sistema político é considerado por alguns como autoritário e isolacionista. Por outro lado, se quisermos trazer ao discurso mais expressividade, podemos fazê-lo com o uso de um neologismo estilístico, criado com vistas a impressionar, impactar, provocar na audiência certo comportamento. Em uma reportagem do jornal *O Globo* (01/08/2010), faz-se menção a um importante aeroporto carioca que apresenta graves problemas de infraestrutura, motivo por que foi alcunhado de *aeroformo* pelos moradores. É de notar, neste contexto de uso, o poder sugestivo do neologismo estilístico, o qual condensa crítica e indignação dos usuários no que se refere às condições precárias do aeroporto.

Modernamente, a imprensa escrita tem nos legado inúmeras formações novas, pelo que tem merecido atenção especial dos estudiosos do léxico (Cf. CARVALHO, 1983). Sem dúvida, a imprensa é um dos maiores propagadores de novos termos, influenciando inclusive na institucionalização de várias palavras flutuantes, a exemplo de *mensalão* e *mensaleiro*, criações recentes, mas já consignadas no Aurélio (2010). Está ela ligada essencialmente à cultura de massa, exercendo influência considerável sobre os leitores, por vezes até provocando mudanças radicais de comportamento. Visando ao impacto imediato, o neologismo torna-se, na linguagem midiática, um recurso inusitado e impactante de se transmitir uma mensagem. Em termos jakobsonianos, poderíamos dizer que se mesclam condensação e expressividade no ato comunicativo que, não raro, subverte o plano referencial inscrevendo-se no plano expressivo ou conativo da linguagem.

Dentre os textos veiculados pela mídia impressa, sobressaem-se aqueles cuja temática gira em torno da política. Conforme afirma Valente (1997, p. 87), contextos políticos são propícios ao surgimento de novos vocábulos. Importa observar que estes não surgem somente em decorrên-

cia do dinamismo da política, que continuamente apresenta algo novo a ser nomeado, mas também pela necessidade premente de produzir efeitos de sentido variados. Por meio dos neologismos, veiculam-se ironia, humor, crítica, sátira, enfim, aproveita-se toda carga enfática que a nova palavra proporciona ao discurso daquele que o emprega, o que faz da criação lexical um poderoso instrumento de expressividade em contextos políticos.

3. Procedimentos metodológicos

Os candidatos a neologismo serão coletados de duas fontes da mídia impressa (*Veja* e *Folha de São Paulo*) e organizados em fichas lexicográficas nas quais constarão seis níveis de informação, a saber: termo, abonação, fonte e data, classe morfosintática, processo de formação de palavras (PFP) e o contexto das criações (dados históricos, ideológicos e sociais). Os termos serão dispostos em ordem alfabética, em letras maiúsculas e apresentarão as informações na sequência anunciada anteriormente.

Feita a seleção, utilizaremos dois *corpora* de exclusão para conferir à palavra em causa o *status* neológico ou não. Desse modo, funcionarão como filtros dois dicionários eletrônicos de reconhecida representatividade no Brasil: Aurélio 7.0 (2010) e Houaiss (2009). Portanto, conforme o critério adotado, serão considerados neologismos lexicais as formas que não figurarem nas referidas obras e serão neologismos semânticos aquelas que figurarem, porém sem o sentido expresso pela nova formação encontrada.

4. Neologismos do corpus

4.1. Termo: BOIOLAGEM

Abonação: “Sou contra a homofobia e contra a *boiolagem*”.

Fonte: *Veja*, 15/12/2010

Classe de palavra: Substantivo

PFP: Sufixação (Boiola + -agem)

Contexto: Palavras polêmicas do deputado Jair Bolsonaro, que usa o termo neológico, cuja base (*boiola*) tem forte apelo popular e é marca-

damente depreciativa, para fazer troça e criticar fortemente a atitude de algumas ONGs que, de acordo com o parlamentar, estariam utilizando, em suas aulas, vídeos de conteúdo homossexual¹ com vistas a combater a homofobia.

4.2. Termo: BOLIBURGUESIA

Abonação: “A ascensão da *boliburguesia* é a conquista social mais vistosa do chavismo”.

Fonte: *Veja*, 16/12/2009

Classe de palavra: substantivo

PFP: Palavra-valise (boli(varianismo) + burguesia)

Contexto: O neologismo denomina o grupo de empresários aliado com o bolivarianismo² de Hugo Chávez, presidente da Venezuela. Motivados por esse neologismo, foram criados outros dois: *boliburguês*, aquele que pertence à boliburguesia, e *bolifuncionário*, quem trabalha para ou ajuda de alguma maneira a propagar a ideologia bolivarianista.

4.3. Termo: COM-TERRA

Abonação: “Perfil dos *com-terra*”.

Fonte: *Veja*, 14/10/2009

Classe de palavra: substantivo

PFP: Composição por justaposição (Com + terra)

Contexto: Cunhado por analogia ao vocábulo *sem-terra*, o neologismo é crítico à ineficiência da política de reforma agrária brasileira. A reportagem destaca que os sem-terra, mesmo de posse da terra, não conseguem torná-la produtiva. Há um claro questionamento acerca da eficácia de tal política agrária que, no papel, objetiva melhorar a vida daqueles que ganham a terra.

¹ Segundo Bolsonaro, tratava-se de um vídeo no qual duas meninas se beijavam.

² Doutrina de Simón Bolívar (1783-1830), cognominado *o Libertador*. Foi militar e homem de Estado que liderou as guerras pela independência de grande parte da América Espanhola (AURÉLIO, 2010).

4.4. Termo: CORRUPA

Abonação: “Nos três casos, as autoridades obtiveram informações de que a **corrupa** ocorria com participação e conivência dos respectivos governadores, todos candidatos à reeleição”.

Fonte: *Veja*, 29/09/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Truncamento (corrupa > corrupção)

Contexto: Com forte apelo popular, a construção truncada denuncia o caso de corrupção em que três governadores (Tocantins, Amapá e Mato grosso do Sul) estariam envolvidos em uma grande operação fraudulenta. A intenção era afanar dos cofres públicos perto de 1 bilhão de reais.

4.5. Termo: CUBANIZAR

Abonação: “A Venezuela ainda não é Cuba, mas está se **cubanizando**”.

Fonte: *Veja*, 04/08/2010

Classe de palavra: verbo

PFP: Sufixação (Cubano + -izar)

Contexto: Alusão a países que seguem Cuba política e ideologicamente.

4.6. Termo: DESTUCANIZAÇÃO

Abonação: “Reduto histórico do PSDB paulista, a Fundação Mário Covas está em processo de **destucanização**”.

Fonte: *Veja*, 08/09/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Prefixação (des + tucanização*¹)

¹ O asterisco indica que a base *tucanização* é potencial, isto é, não é atualizada no léxico, mas é perfeitamente possível no sistema virtual da língua.

Contexto: Tucanos são os partidários o PSDB. Quando se fala em *destucanização*, diz-se que a Fundação Mário Covas está deixando de ser reduto da ideologia peessedebista.

4.7. Termo: DILMAMÓVEL

Abonação: “Candidata só quer saber do *Dilmamóvel*”.

Fonte: *Veja*, 04/08/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Composição por justaposição (Dilma + Móvel)

Contexto: O elemento *móvel* tem sido frequentemente usado para designar os automóveis de pessoas ilustres. Desse modo, o *Dilmamóvel* nomina o veículo usado pela atual presidente da República, Dilma Rouseff.

4.8. Termo: FRANKLINSTEIN

Abonação: “O velho *Franklinstein*”.

Fonte: *Veja*, 18/08/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Palavra-valise (Franklin + (Franken)stein)

Contexto: A palavra tem forte teor crítico à figura do ex-ministro das comunicações Franklin Martins, um dos proponentes da regulação dos meios de imprensa brasileiros. Há uma clara intertextualidade nesta criação lexical, já que a palavra criada alude ao clássico personagem Frankenstein, um monstro criado em laboratório que gerou, no conhecido romance de Mary Shelley, inúmeros problemas.

4.9. Termo: MARTELINHO

Abonação: “Para continuar o capítulo do gestual, quando os candidatos falarem na TV será constante o recurso do *martelinho*”.

Fonte: *Veja*, 03/03/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Neologismo semântico (metáfora).

Contexto: Neologismo criado por associação ao movimento que alguns políticos fazem ao falar efusivamente nos discursos e debates. O gesto feito por eles lembra a batida de um martelo, motivo por que o articulista denominou-o de *martelinho*.

4.10. Termo: PITACAR

Abonação: “Ele já *pitacou* demais na campanha dela. Agora já entendeu qual é o seu lugar”.

Fonte: *Veja*, 13/10/2010

Classe de palavra: Verbo

PFP: Sufixação (pitaco + -ar)

Contexto: Referência irônica de um petista ao fato de Márcio Toledo, namorado de Marta Suplicy, ter se envolvido demais na campanha da namorada.

4.11. Termo: PIPÓDROMO

Abonação: “Na câmara, o projeto mais audacioso que Lima apresentou envolve a criação de *pipódromos*, para que as crianças do Brasil possam soltar pipas tranquilamente”.

Fonte: *Veja*, 04/08/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Composição por justaposição (pipa + (ó) + dromo)

Contexto: Projeto de lei apresentado pelo deputado Wilson Lima. Tencionava-se criar lugares nos quais as crianças pudessem empinar suas pipas com tranquilidade.

4.12. Termo: POLÍTICO-PROBLEMA

Abonação: “(...) Roriz é um espécime clássico de *político-problema*, de quem se deveria manter distância asséptica em ano eleitoral”.

Fonte: *Veja*, 31/03/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Composição por justaposição (político + problema)

Contexto: Referência a Joaquim Roriz, político acusado de corrupção no Estado de Brasília.

4.13. Termo: SINCEROCÍDIO

Abonação: “Controlado, Serra cai no *sincerocídio*”.

Fonte: *FSP*, 21/03/2010

Classe de palavra: substantivo

PFP: Composição por justaposição (sincer + (o) + cídio)

Contexto: Neologismo usado por um jornalista da *Folha de São Paulo* para referir-se a José Serra, que, em uma entrevista concedida a um jornalista, revelou no período pré-eleitoral que seria candidato à presidência pelo PSDB nas eleições de 2010. Na reportagem, frisa-se, ironicamente, que a palavra era muito usada pelo próprio Serra para nominar situações nas quais não se deve totalmente transparente, uma vez que a sinceridade pode se tornar uma arma contra a pessoa que age com muita franqueza.

4.14. Termo: VENEZUELAR-SE

Abonação: “Vamos eleger um governo que nos levará a um futuro de mais falcatruas, desmandos e uma tendência a nos *venezuelar* com o cerceamento de nossos direitos?”

Fonte: *Veja*, 29/09/2010

Classe de palavra: Verbo

PFP: Sufixação (Venezuela + -ar + se)

Contexto: O neologismo foi criado por um leitor de *Veja*. *Venezuelar-se* é tornar-se próximo da política feita por Hugo Chávez, uma política de cerceamento de direitos e de vozes, conforme está sugerido pelo leitor.

4.15. Termo: VOTO-FESTA

Abonação: “O outro é o que os petistas da campanha classificaram de ‘e-leitor do *voto-festa*’, ou seja, aquele que teria aderido a Marina Silva em meio à onda verde nos últimos dias do primeiro turno”.

Fonte: *Veja*, 13/10/2010

Classe de palavra: Substantivo

PFP: Composição por justaposição (voto + festa)

Contexto: O eleitor do voto-festa foi alvo do PT no segundo turno das eleições. Sendo Marina Silva derrotada no 1º turno, os petistas armaram uma estratégia para persuadir esse grupo de eleitores de Marina, por julgarem-nos, em certo sentido, mais manobráveis, e, portanto, mais facilmente convencíveis.

5. Conclusão

A descrição desses quinze vocábulos desnuda aspectos político-culturais de um Brasil recente. A neologia possui a peculiaridade de simbolizar o novo; acompanha o homem nas variadas atividades que realiza por meio da linguagem. Então, com as criações lexicais, sejam por motivos de denominação, sejam por motivos expressivos ou de qualquer outra natureza, recorrentemente atualizamos o código linguístico em busca de uma resposta a um novo conceito a ser expresso. Em verdade, a velocidade do mundo moderno faz com que surjam novos significados que, naturalmente, demandam novos significantes.

Contextos políticos elucidam bem essa dinâmica. Nesse sentido, jornalistas, cartunistas, chargistas, articulistas, parlamentares, governadores etc. contribuem incessantemente com renovação lexical. E o fazem, muita vez, por motivações que se sobrepõem à simples representatividade: valendo-se das possibilidades que o léxico, sistema dinâmico e aberto, lhes oferece, criam e recriam signos imbuídos de expressividade, gerando efeitos de sentido diversos motivados pelas visões de mundo daqueles que os empregam. O léxico é, pois, um lugar aberto à experimentação e à recriação.

Como sugerimos, é produtivo abordar a neologia em sua estreita vinculação com o discurso. Em verdade, tal fenômeno linguístico é praticamente indissociável dos aspectos históricos, sociais, culturais e ideológicos que o motivam. Concordando com Azeredo (2008, p. 55), “As pa-

lavras não significam sozinhas; sua capacidade de exprimir um significado comum aos interlocutores não depende só delas, mas também das combinações que as envolvem e do contexto situacional em que são utilizadas.” A criação lexical é, assim, um fenômeno do discurso e sua análise, sempre que possível, deve se ancorar no contexto situacional.

Alguns desses neologismos – é provável que a maioria – se perderão num futuro não muito distante. Mas, diferentemente do que se possa pensar, sua importância é bastante acentuada, uma vez que essas criações, “palavras-testemunhos” nos dizeres de Carvalho (1983), representam bem de perto fatos importantes da política nacional, além de contribuir decisivamente para a constituição dos textos em que eles figuravam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda M. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

CARVALHO, Nelly. *Linguagem jornalística: aspectos inovadores*. Recife: Recife Gráfica Editora, 1983.

_____. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORREIA, Margarita; LEMOS, Lúcia San Payo de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri e Associação de Professores, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa – versão 7.0 século XXI*. Curitiba: Positivo, 2010. CD-ROM.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – versão 3.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. CD-ROM.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. O dinamismo lexical: o dizer nosso de cada dia. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *A língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VALENTE, André. A criação vocabular: os neologismos. In: PEREIRA, Maria Teresa G. (Org.). *Linguagem em questão*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.